

a miúda do meu irmão  
rute dias

# Avisos de Conteúdos

Queridos leitores, ao iniciarem a viagem pelas páginas deste livro, gostaria de expressar a minha preocupação e sensibilidade para com aqueles que poderão ser afetados por conteúdos potencialmente perturbadores. A narrativa aborda temas profundos e complexos, tocando em experiências que podem suscitar emoções intensas. É fundamental reconhecer a diversidade de reações que cada leitor pode ter perante estes tópicos sensíveis. Agradeço sinceramente a todos os que contribuíram para a fração real apresentada, pois a autenticidade é a essência desta história. Cada testemunho, cada detalhe partilhado, foi crucial para criar uma narrativa que procura a verdade. Espero que esta história faça justiça aos heróis do mundo real, oferecendo uma visão compassiva e respeitosa das suas vidas. Obrigada por acompanharem este relato na forma de uma história de amor fictícia e por abraçarem a complexidade humana que nele se revela.

Para obter uma lista completa de avisos de conteúdo sensível, visite este site: <https://rutedias.com/pages/ammi-tw>





*Para aqueles que amam em voz alta,  
mesmo quando sofrem em silêncio.  
Este livro é para vocês.*



*E para a Tânia.*



# Playlist



*Unfolding* — Luca Fogale

*End of Beginning* — Djo

*Naive* — The Kooks

*When the party's over* — Billie Eilish

*She Loves the Rain* — Teddy Swims

*Next to You* — New West

*I Told You Things* — Gracie Abrams

*Linger* — The Cranberries

*Cinnamon Girl* — Lana Del Rey

*Northern Lights* — Teddy Swims

*Sweater Weather* — The Neighbourhood

*Brisa* — TREZE

*Call Your Mom* — Noah Kahan

*Undressed* — Sombr

*Pray* — Sam Smith

*Fix It to Break It* — Clinton Kane

*Pretty* — JVKE

*Reflections* — The Neighbourhood

*Black Friday* — Tom Odell

*Could Be Good* — Kat Cunning

*Light On* — Maggie Rogers

*Stop Crying Your Heart Out* — Oasis



## PRÓLOGO



*Olivia, 17 anos*

**H**á qualquer coisa bela em funerais. Não me interpretem mal, continuo a achá-los devastadores. Mas mentiria se dissesse que não me fascinam, talvez na mesma medida em que me perturbam. Intriga-me a forma como teimamos em viver este ritual. Porque é que celebrar a vida de alguém tinha de ser uma festa invertida? Em que todos choramos e permanecemos estáticos, de olhos postos num buraco na terra.

Os Ingleses recebem os amigos e familiares em casa, bebem chá, ouvem música. Pelo menos, esforçam-se. *Ou fingem que o fazem.* No México, há o Dia dos Mortos. No Japão, o Obon. Aqui, escavamos o chão e choramos compulsivamente à volta dele, numa espécie de concurso em que o vencedor, aquele que deita mais lágrimas, é promovido a melhor parente. Porque, se não o fizermos, algo errado se passa connosco. Ou talvez não gostássemos assim tanto de quem se foi. Como uma competição em que só saía vitorioso aquele que se preocupasse verdadeiramente com o que os outros pensavam.

Não nego que estes devaneios podem ser apenas a minha forma de lidar com a devastação profunda que sinto. O meu método de *coping*. Porque é contranatura que a sua vida tenha terminado aos dezoito anos. E é contranatura que a minha continue sem a dele em paralelo. Não quando, até hoje, vivi com a ideia de que o teria sempre comigo.

— Se morremos com Cristo, acreditamos que também com Ele viveremos, sabendo que, uma vez ressuscitado dos mortos, Cristo...

As palavras do padre Chico parecem chicotadas, de tal forma reais, que o instinto de me encolher é tão forte, que a parte voluntária do meu cérebro se esforça verdadeiramente por provar à outra que isto não é uma ameaça. Embora pareça. Desta vez, o mesmo padre que nos mandava ficar em silêncio na catequese assume um semblante mais pesado, mas disse exatamente o mesmo no funeral da dona Ermínia, há dois meses. A diferença é que hoje os meus olhos não se dirigiam para o meu lado esquerdo, onde *ele* se sentava. Não. Hoje, mantinham-se colados naquela caixa de madeira envernizada, à espera de que o tampo se abrisse e ele se sentasse, revirando-me os olhos como quem dizia: «*O padre Chico está outra vez com a mesma conversa?*»

A tensão nas minhas bochechas aumenta e dou conta de que estou a sorrir. Mesmo depois de se ir, continua a roubar-me sorrisos. No espaço entre as minhas mãos, pousadas no colo, as lágrimas tingem-me o vestido de um preto de maior contraste. E sinto tudo ao mesmo tempo — nostalgia, tristeza, alegria. Um monte de sentimentos que, somados, subtraídos, divididos ou multiplicados, resultavam sempre nesta loucura que parecia ter vindo para ficar desde que recebi a notícia.

O meu peito aperta-se e parece cada vez mais difícil expandi-lo para respirar. De um momento para o outro, dou conta de que estou desesperada para que os meus pulmões respeitem a minha necessidade de inspirar fundo. Não o fazem. E, embora eu continue a sentir o ar passar por mim, ele falta-me. Não me chega, não me é suficiente.

*Não consigo ficar aqui.*

Porque o ar falta-me, assim como as respostas às perguntas que nunca lhe fiz. Agora que tudo tinha terminado, a urgência de categorizar todas as informações que tinha dele torna-se insuportável. Como se, agora que é impossível, fosse imperativo saber tudo sobre ele. Será que ele ainda preferia ténis a futebol?

Será que conhecemos mesmo as pessoas até elas morrerem? Ou conhecemos apenas aquilo que nos permitiram ver?

Há uns anos, quando o Sr. Antunes morreu, a sua mulher descobriu que ele levava uma vida dupla. A poucos quilómetros de distância, separados apenas por uma ponte, existia outra casa, outra família, outros filhos que esta desconhecia por completo. Como teria ele conseguido manter essa mentira durante tantos anos? Quantas noites terá regressado a casa, beijado a senhora e os filhos, sabendo que, do outro lado da cidade, outra mulher e outras crianças esperavam por ele?

As pessoas guardam segredos, ocultam verdades e, muitas vezes, fazem

de tudo para levá-los consigo para o túmulo. Mas a morte, implacável, não protege ninguém das consequências do seu passado. A morte, muitas vezes, revela segredos enterrados há muito. Destapa verdades ocultas sob o véu da rotina e da confiança.

Será que ele também tinha segredos? Será que eu ia acabar por descobrir que afinal nunca o conheci? Pelo menos, não verdadeiramente?

Ou talvez a única coisa que se descobrirá, com o passar dos anos, seja que a mentirosa sou eu e os segredos serão para sempre meus.

*Não consigo respirar.*

— Estás bem? — a minha irmã sussurra-me discretamente ao ouvido.

— Volto já. Tenho de ir apanhar ar.

— Estamos na rua...

— Está aqui muita gente, Mariana.

— Eu vou contigo.

— Não é preciso, a sério. Fica aqui com os pais e a Julieta. Eu volto já. — Deus sabe que a mãe dele precisa mais do que eu.

Assente rigidamente com a cabeça, já eu me virava para abrir caminho entre a multidão, em direção à saída do cemitério. De repente, à medida que os meus ombros embatiam nos corpos das pessoas que não conseguiria contar, mesmo que tentasse, e os seus soluços e fungares me atingiam, as amarras do meu próprio sofrimento apertavam-me cada vez mais o peito. De tal forma, que respirar se assemelhava agora a uma maratona pela sobrevivência.

*O que é que se passa comigo?*

Seguro-me ao tronco de um cipreste e procuro tomar consciência da minha respiração.

Inspiro. Expiro.

*Ele já não respira mais.*

Dez anos.

Durante mais de metade da minha vida, ele esteve comigo. A tentar convencer-me de que a DC sempre foi melhor do que a Marvel. E de que o melhor Batman foi o Robert Pattinson, em vez do meu Christian Bale. De que eu devia escolher ir para Bolshoi em vez de Julliard, porque a Rússia precisava mais de ruivas do que os Estados Unidos.

Obrigo-me a alongar os músculos do pescoço, como se tivessem uma espécie de ansiolítico para a onda que sentia estar a aproximar-se. Descubro que não têm. Não desta vez.

Inspiro. Expiro.

*Ele já não respira mais.*

*Onde estava Deus agora?* Onde estava o Deus que nos amava a todos e

que nos enviara o Seu filho para se sacrificar e morrer na cruz pelos nossos pecados? Onde estava o Deus que nos prometera salvar se O amássemos acima de todas as coisas? Será que não rezei que chegasse? Será que ele não O amou o suficiente? Onde estava o Deus que deixou que o levassem aos dezoito anos? Será que...

— *Sempre foi ele, não foi?*

A voz provoca-me pele de galinha e sinto-me a conseguir engolir desesperadamente o ar que parecia não me chegar de forma nenhuma ainda há segundos. Sei que, assim que me virar, vou vê-los a ambos. Porque as minhas duas pessoas preferidas no mundo eram iguais no seu exterior. Como se a sua genética, num gesto de boa vontade, por ser perfeita de mais para se concentrar num só corpo, se tivesse generosamente dividido em dois, para nos dar mais oportunidades de os amar.

Porque este sempre foi o primeiro impacto cada vez que olhava para eles. O meu coração sabia distingui-los mesmo antes de os meus olhos pousarem neles. Como se os reconhecesse pelas energias diferentes que possuíam e não pelos seus traços físicos. Mas havia sempre aquela fração de segundo em que tinha de explicar ao meu cérebro quem era quem. Porque a minha cabeça poderia ficar confusa, mas o meu coração, nunca.

A aparência da pessoa que estava à minha frente era simultaneamente a do meu melhor amigo e a do amor da minha vida. E, sim, o Universo podia ter-me facilitado a vida e ter-me dado tudo na mesma pessoa. Mas, como tudo na minha existência parecia escolher o caminho mais difícil, eu tinha encontrado as minhas pessoas em dois irmãos, que por fora eram iguais, mas por dentro não podiam ser mais diferentes.

E, com eles por perto, sentia que tinha o mundo nas mãos.

— Estava à tua procura. — Desenlaço os braços do tronco e ergo as mãos em direção a ele, à procura do apoio que precisava desde que recebi a notícia, ontem à tarde. — Como estás?

Ele dá um passo atrás e fixa um ponto no chão.

— *Responde.* Sempre foi ele, não foi?

— Eu não entendo... — Abano a cabeça, confusa. — Sempre fomos nós. Os três.

— Não, Olívia. Não fomos. — Os seus lábios cheios curvam-se num sorriso que não lhe chega aos olhos. — Vais contar-me o que aconteceu?

*Não.*

Engulo em seco ao tentar controlar o pânico que se instala possessivamente em mim. Ele sabe?

Não pode.

Porque, se soubesse, nunca me perdoaria. Nunca mais olharia para mim. Eu conheço-o. Sei que me odiaria se soubesse o que fiz.

E o que os meus segredos lhe custaram.

— Não sei do que é que estás a falar — minto.

— Sabes perfeitamente do que estou a falar.

Ele sabia. E odiava-me por isso. E eu, que achava que o meu coração não podia diminuir mais... Afinal, é capaz de implodir. De se colapsar em si mesmo, na procura de aumentar a sua capacidade de sofrer. E tudo o que restava parecia não ser mais do que a memória de uma dor que eu sabia ter sido a maior que tinha vivido. Mas que agora se sentia como a humidade da manhã que vem depois de uma noite de chuva torrencial.

Não é a chuva. Nunca seria. Mas continuava a ser a prova de que choveu.

A sua voz puxa-me de volta ao pesadelo de onde os meus pensamentos me tentavam resgatar.

— Aceita o estágio. Vai-te embora. — Guarda as mãos nos bolsos, provavelmente acompanhadas do que restava do meu amor-próprio. — Ele já foi, não tens mais nada que te prenda aqui.

— Tenho-te a ti. — A minha voz era uma súplica, um desespero que se materializava nas lágrimas que já não me preocupava em controlar.

*Como é que se perdem as duas pessoas mais importantes no mesmo dia?*

— Olívia, vai para Julliard, vai para Bolshoi. Vai para onde quiseres. Mas vai.

— Mas eu...

— Tu tens de ir. Porque se ficares... — Retira as mãos dos bolsos e segura-me com elas o rosto, despertando a minha pele com pequeninos choques elétricos. Mas os lábios dizem coisas que os olhos não corroboram. — Se tu ficares, não vou conseguir fugir disto. E eu já me odeio o suficiente. *Não preciso de mais razões.*

— Tu não sentes isso...

O canto direito da sua boca sobe, pintando-lhe a expressão com um sorriso distorcido.

— Tu não conheces o lado do diabo, Olívia. Deus escreveu o livro todo.

*A não ser que o diabo fosse eu.*

A pele das minhas costas que não estava coberta pelo vestido era agora agredida pelas rugas de um tronco de árvore que ouviu mais lamentos na sua vida do que um confessor. De alguma forma, saber que não fui a única a sofrer neste preciso lugar consolou-me. E, se achei que ontem à noite seria o epítome do meu sofrimento, hoje vejo que não fui outra coisa senão ingénua. Por isso, quando os lábios dele me pousaram na testa e uma versão deturpada

da voz dele me atingiu com as palavras «Cuida de ti», permiti-me escorregar até ao chão, deixando que a dor que as feridas recém-abertas nas costas provocam me distraia da que sinto no peito. E, porque ambos me tinham na palma da mão, hoje e desde o dia em que os vi pela primeira vez, aos oito anos, respeitei o desejo daquele que ainda ficou.

*Eu fui-me embora.*

**PARTE**

*.1.*



# O Funchalinho

DIÁRIO DA MADEIRA

MADEIRA, PORTUGAL

## JOVEM MADEIRENSE CONQUISTA PALCOS DE MOSCOVO COMO BAILARINA PRINCIPAL

*A ILHA DA MADEIRA VÊ MAIS UMA DAS SUAS FILHAS BRILHAR NO CENÁRIO INTERNACIONAL*

**F**oi aos 17 anos que a talentosa jovem madeirense abandonou a sua terra natal e partiu rumo a Moscovo, uma das capitais mundiais da dança. O seu talento extraordinário rapidamente a destacou dentre os melhores e, recentemente, foi oficialmente nomeada bailarina principal da aclamada companhia de *ballet* da cidade. Amália, a sua pri-



meira treinadora, garante que desde cedo a jovem mostrou um talento ímpar para a dança, cativando quer o corpo docente, quer os colegas, com uma técnica e uma presença impecáveis. A sua dedicação e paixão pela arte levaram-na a tomar a difícil decisão de deixar a ilha para perseguir o seu sonho num dos centros mais exigentes e prestigiados da dança clássica.

### FUNCHAL PREPARA-SE PARA CELEBRAR MAIS UM FESTIVAL DO ATLÂNTICO!

*Milhares vão encher a baía para assistir ao espetáculo inaugural*



O Festival do Atlântico vai voltar a iluminar o céu madeirense com um espetáculo de fogo de artifício sincronizado com música clássica. Durante todo o mês, diferentes países apresentam as suas criações pirotécnicas, transformando o porto do Funchal num palco de luz e cor que vai atrair turistas e residentes.

### MADEIRENSES CONTINUAM A PREFERIR BOLO DO CACO A HAMBÚRGUERES

*Porque nem a fast food  
resiste à manteiga de alho*



Um estudo recente concluiu que o bolo do caco continua a ser o lanche preferido dos Madeirenses, derrotando hambúrgueres e pizzas sem grande esforço. O segredo? A generosa combinação entre pão de batata-doce e manteiga de alho. Os nutricionistas podem não aplaudir, mas os Madeirenses já decidiram: a felicidade serve-se quente e pinga manteiga.

### AVISTAMENTO RARO DE BALEIAS-PILOTO AO LARGO DE CÂMARA DE LOBOS

*Turistas ficaram maravilhados com o espetáculo natural*



Um grupo de baleias-piloto foi avistado nas águas profundas perto de Câmara de Lobos, surpreendendo turistas em excursões marítimas. A Madeira é reconhecida como um dos melhores destinos da Europa para a observação de cetáceos, sendo possível avistar até 28 espécies ao longo do ano.

## CAPÍTULO 1



### *Olivia, presente*

**A** cortina fecha-se e as luzes diminuem até a escuridão nos engolir quase completamente, não fosse o sinal luminoso que nos indica a saída do palco. E é assim que, depois de uma época inteira, o meu papel de bailarina corifeu no bailado *O Quebra-Nozes* termina, finalmente. Exatamente onde pertenco.

*Na escuridão.*

Desfaço a posição de *arabesque* em que fiquei e aguardo pacientemente pela subida da cortina. Do outro lado, os aplausos já se ouvem com a característica intensidade crescente.

*Houve alturas em que pensei que nunca me cansaria deste som.*

Procuro o olhar da Natalia nos últimos segundos que nos restam antes de enfrentarmos o calor do público. Era o momento da bailarina russa, que há doze anos entrava na Academia de Bolshoi, ao mesmo tempo que eu. Hoje, dava vida à personagem principal, Clara, a menina que recebe um quebra-nozes na noite de Natal e descobre que ele é, afinal, o príncipe dela.

Eu e a Natalia somos inseparáveis desde o dia em que nos conhecemos. Tínhamos acabado de chegar a Moscovo com dois corações despedaçados. O meu por ter ficado dividido entre duas pessoas com as quais já não podia contar e o dela por estar a mais de seis mil quilómetros da família. Podíamos ter-nos aproximado simplesmente porque a tristeza procura um par. Mas, antes da nossa primeira aula, ao atar uma das fitas da minha sapatilha com demasiada força — culpo a ansiedade —, ela partiu-se e o meu rosto,

incandescente do pânico, não se dirigia a sítio nenhum e o meu cérebro varria todas as opções possíveis para conseguir resolver a situação. A Nat tirou os atacadores, entregou-me as suas sapatilhas e procurou o par suplente desgastado que guardava no saco, debaixo do banco de madeira na lateral da sala. Toda esta interação sem uma palavra da sua parte, porque nem ela falava português, nem eu falava russo. Não teria sido preciso, de qualquer forma, pois o meu coração mutilado reconheceu o dela e eu soube que ela seria a minha melhor amiga para o resto da vida.

É por isso que hoje, apenas hoje, queria estar do lado de lá da cortina para aplaudir o seu trabalho. Esta é a parte aborrecida de trabalhar com a minha melhor amiga — raramente a poderei aplaudir como espectadora. Tão perto e tão longe. Estamos condenadas a roubar sorrisos no fim de todas as apresentações, a trocar olhares que, na verdade, são palmas, para nos felicitar-mos mutuamente. O seu sorriso fabrica uma pressão familiar na parte de trás dos meus olhos e o meu nariz arde quando enlaço a mão na dela ao formarmos a fila de agradecimento final.

— O próximo será teu, Oli! Sei que será!

O meu russo melhorou substancialmente com o passar dos anos, embora não tivesse a certeza de que o que a Nat me dizia estivesse assim tão certo. Não por motivos de semântica ou gramaticais. Mas porque dançar para mim já não sabia ao mesmo.

*Talvez a dança estivesse completamente arruinada para mim.*

Agradeço que o momento não permita uma resposta mais atenta e opto por lhe encolher os ombros, segundos antes de a cortina se abrir finalmente. Ela e o Ivan desfazem-se da fila para avançarem em direção ao público. Erguem os braços para agradecer o carinho das pessoas que os ovavam de pé. Era algo habitual, mas, quando o recetor deste tipo de gratificação é alguém de quem nos orgulhamos tanto, o impacto é avassalador.

— Três minutos desta vez, Nat! Parabéns! — A caminho do camarim, luto por apoiar o braço sobre os seus ombros. Ela é uns oito centímetros mais alta do que eu.

— Contaste?

— Óbvio. Conto sempre o tempo que as pessoas ficam a bater-te palmas. Que merda de amiga seria se não o fizesse?

Talvez a merda de amiga que lhe mente? E deliberadamente.

Entro no camarim dela e começo a remover os ganchos do meu penteado de Fada de Açúcar, o papel mais importante da minha carreira até agora. Estico os braços à minha frente como se procurasse apanhar o infinito. Puxo o pescoço para um lado, até que toque no ombro.

As minhas articulações irão agradecer amanhã. Mesmo que tudo o resto não o faça.

— Olívia! Olha para isto tudo! — Os seus olhos brilham quando ignora a porta que se fechava e entra no espaço, percebendo a quantidade de *bouquets* que se espalham pelo toucador à sua espera.

Deixo-a mergulhar nos cartões agarrados às flores e volto atrás para fechar a porta do camarim, com os ganchos que consegui tirar do cabelo presos entre os dentes. O meu sorriso esmorece momentaneamente quando me concentro e espreito pelo corredor, certificando-me de que nada, nem ninguém, nos aguardava nas proximidades.

— Aposto que está aí um do Ivan! — provoco, saltitando para junto dela.

— Achas?

— É bom que esteja! — As minhas sobrancelhas sobem e descem de forma comprometedora. — Ele está a tentar dar-te uma trinca desde o início do ano.

As mãos da Nat passam por todos os ramos, recolhendo os cartões um a um, até que para abruptamente e se concentra em mim. O seu olhar semicerra-se com interesse.

— O que é que se passa?

— Porque é que havia de se passar alguma coisa?

— Tu estás estranha, Oli. Foi por eu ter ficado com o papel principal? Tenho a certeza de que o próximo será teu...

Levanto-me no ímpeto de lhe assegurar que tal ideia não poderia estar mais longe da verdade. As minhas mãos enlaçam-se nas dela e espero que os meus olhos lhe mostrem quão sincera estou a ser.

— Eu nunca, *nunca*, teria inveja de ti. Sinto o teu sucesso como se fosse meu, fico feliz como se de mim se tratasse. Até porque tu só conseguiste este papel porque eu existo na tua vida e bebo a tua *Coca-Cola*. Caso contrário, tu não estarias em tão boa forma. — Ofereço-lhe a minha melhor simulação de sorriso, tendo a certeza de que não me chega aos olhos, mas espero que entenda que não quero falar mais do assunto.

— Passa-se alguma coisa, eu sinto.

*Claro que sentes.*

Porque, sim, passa-se alguma coisa. Mas eu não tenho inveja da Natalia. Pelo contrário. O meu orgulho não me cabe no peito e falo nela em cada oportunidade disponível. Era a minha melhor amiga. O problema nunca seria ela, nem o seu sucesso. Muito menos a sua felicidade.

O problema sou eu. Como sempre.

— É impressão tua — minto. — Ou talvez só precise de me enrolar com alguém.

— O que é feito do sabor da semana?

— É domingo. — Regresso ao banco que tinha improvisado no toucador do seu camarim e trinco uma uva que roubei da taça ao lado, piscando-lhe o olho. — A semana dele acabou.

— Cala-te! Achava mesmo que era desta. Ele parecia muito simpático.

— Simpático de mais.

O sabor da semana a que a Nat se referia era colega de trabalho do meu cunhado, Denis. Conheci-o numa das vezes que ele lhe deu boleia. Evitava relacionar-me com pessoas próximas do meu círculo. Principalmente, do círculo do meu cunhado. Mas, numa noite igual a tantas outras, encontrei-o num bar depois de um espetáculo e um copo a mais tornou-o uma escolha demasiado tentadora. E, em minha defesa, ele era, de facto, uma pessoa incrível. Só não era a minha pessoa. E, antes que nos magoássemos mais do que o necessário, libertei-o da ilusão de uma relação com alguém emocionalmente indisponível.

Porque era isso que eu era, indisponível.

Eu já tinha amado antes. Há muitos anos. Numa altura em que a inocência ainda conseguia pintar os meus sonhos como concretizáveis. Aliás, eu fi-lo com tudo aquilo que possuía em mim. Mesmo na imaturidade da adolescência, em que todos faziam questão de nos avisar de que *«eventualmente, iria passar»* ou então que *«éramos demasiado novos para saber sequer o que era o amor»*.

Oh, mas eu soube. E por ter ficado a conhecer exatamente aquilo que era necessário sacrificar para se amar outra pessoa, é que hoje me limito à casualidade das relações fugazes. A circunstância tornava-as seguras através do curto prazo de validade de que dispunham. A data de término era o colete que me impedia de voltar a afogar-me.

Afinal, eu ainda era o produto de um coração partido. Sê-lo-ia sempre. Um copo de vidro quebrado e colado, que toda a gente via inteiro, mas sabia que, assim que o vinho se vertesse no seu interior, iria passar por todos os espaços que até a cola mais forte não poderia fechar.

A Nat avaliava ao espelho as suas sobrancelhas naturalmente loiras, recentemente repintadas de preto, quando umas leves pancadas soam do outro lado da porta e o meu corpo não se consegue decidir entre agradecer a distração ou retesar-se automaticamente ante o desconhecimento de quem aguardava lá fora.

— E se for ele?

*Qual deles?*

— Vai abrir!

— Natalia? — A voz do Ivan ouve-se suavemente.

— Oh, meu Deus!

— Vai!

Ela olha-se ao espelho e ajeita o cabelo, que tem provavelmente cinquenta e uma camadas de laca.

— Como estou? — pergunta-me de olhos arregalados.

— Estás como alguém que passou duas horas a ser maquilhada e mais duas horas a dançar fenomenalmente — ofereci-lhe quando uma expiração rápida se libertou pelos seus lábios em O. — Ainda agora atuaste para quatro mil pessoas, Natalia. Estás com medo de abrir a porta a uma? Estás perfeita.

Mostra-me a língua e abre a porta. A versão real do Príncipe Quebra-Nozes segura um ramo de rosas vermelhas e eu aproveito o silêncio constrangedor que se instala para ir para o meu camarim. Salto do toucador e arranco mais uma uva do cacho. Ela tinha umas trinta peças de fruta. Era impensável comer aquilo tudo sozinha.

Processem-me por lhe roubar três uvas.

— Desculpa, estás acompanhada.

— Estou de saída, Ivan. Mas, se a magoares, corto-te a pila. — Aponto um dedo ao nariz perfeito do rapaz, com um ar mais desconfortável agora do que quando está mais de duas horas em pontas. — E os *collants*.

Ouço-o rir-se antes de a porta dela se fechar atrás de mim, envolvendo-os no seu casulo, e atravesso o corredor em direção ao camarim três — o meu.

Encho os pulmões de ar como se isso me ajudasse a preparar para o que se aproximava. Mesmo que não tivesse a certeza de que aconteceria. A minha mão repousa, durante uma fração de segundo, na maçaneta da porta do meu camarim.

Inspiro.

A Irina aguardava-me sentada no divã, com o seu semblante permanentemente aborrecido e um *eyeliner* pronunciado que parecia já ter nascido com ela.

Expiro, aliviada por o rosto que os meus olhos identificam ser o da minha treinadora e não o da versão de um dos meus piores pesadelos. E, embora soubesse que este sonho mau em que vivia estava longe de terminar, pelo menos por agora, ainda não era o monstro que estava à minha frente.

— Tenho boas notícias.

*A sério? A avaliar pela sua expressão, diria que tinha morrido alguém.*

— Para mim ou para ti?

— Para ti, claro. A Academia decidiu quem será a bailarina principal do próximo ano.

O ar é-me roubado do peito na expectativa da notícia que me aguardava. Esforço-me por manter a minha expressão neutra, com o queixo a elevar-se subtilmente para não demonstrar a fraqueza que me ameaçava a estabilidade dos joelhos. A minha mentora avaliava a minha postura entre a ignorância e a notícia da minha vida.

— O papel é teu, Olívia. Parabéns. Foi uma decisão unânime, ninguém precisou de lutar por ti, porque todos concordámos que serias a única escolha possível para este papel.

Mas eu sabia que isso era mentira.

Então espero.

Um.

Dois.

Três.

Continuo à espera. Aguardo pela felicidade, pelo entusiasmo. Espero pelas lágrimas? Espero por tudo. Menos pelo terror que sentia naquele momento.

*Não sabe àquilo que tinha imaginado a vida toda.*

— Obrigada — forcei-me a dizer. Tinha a voz enrouquecida pela raiva.

— Os jornais vão anunciar a decisão amanhã.

A minha garganta está tão apertada, que a única coisa que consigo fazer é assentir suavemente.

— Esperava-te mais efusiva.

*Também eu.*

— É do cansaço.

Os lábios dela curvam-se num sorriso tenso, ao acenar com a cabeça. Desilusão.

*Eu era uma desilusão.*

— Certo. Vou deixar-te descansar. — Passa pelo meu toucador no caminho para a porta e deixa que os seus dedos parem por cima de uma flor, que, até então, não tinha reparado que me esperava. — Vieram entregar isto cinco minutos antes de chegares.

Soam-me alarmes dentro da cabeça, provocando-me um zumbido insuportável nos ouvidos. Um som que só eu ouvia absorvia-me os pensamentos, monopolizando todos os meus sentidos. Aceno afirmativamente, com a garganta a fechar-se sobre si e a impedir-me de falar.

Não devia surpreender-me. As flores tinham começado a aparecer umas semanas depois de eu me mudar para a Rússia. Primeiro, para me desejar sorte nos treinos, depois para os espetáculos. Ultimamente, apareciam apenas em datas muito específicas. Como hoje. O último espetáculo antes de me tornar bailarina principal.

A identidade de quem mas oferecia manteve-se desconhecida durante pouco tempo. E é por saber de quem são que estou gelada. Obrigo-me a aproximar-me do presente que sabia estar envenenado. Os meus dedos enrolam-se no caule da flor que solitariamente repousava em cima de um cartão preto.

*«Sobrevive aquele que aprende a dançar  
com os seus próprios fantasmas.»*

Luto por estabilizar os meus movimentos, que teimavam em reproduzir-se aos solavancos. As palavras no bilhete revelam-se demasiado familiares.

— Ah, e Olívia? — Os meus olhos descolam-se das letras do bilhete para procurar os da Irina. O seu rosto está embebido na compaixão de uma mentora que acompanha a aluna há demasiados anos. — O bailado do próximo ano é *O Lago dos Cisnes*. Serás Odette.

A porta fecha-se atrás dela e este camarim tornou-se demasiado pequeno. Claustrofóbico. Não havia espaço suficiente para que eu e os meus demónios convivêssemos tranquilamente. E, porque não conseguiria controlar tudo na minha vida, permito que a gravidade tome conta do meu corpo, já que do resto teria de ser eu a tomar.

É que, de repente, o meu sonho tornara-se realidade. O papel da minha vida era-me entregue numa bandeja de prata, com um grande laço à volta. Brillante e tentador. Tudo aquilo por que trabalhei, sonhei e respirei era-me, finalmente, oferecido.

Era meu.

*E eu não podia aceitar.*

## CAPÍTULO 2



### *Henrique, 8 anos*

**H**enrique, vai ajudar o teu irmão a levar as vossas caixas lá para cima.  
A voz da minha mãe ia ficando mais longe conforme me afastava do carro, acabado de estacionar. Estávamos na nossa nova casa e era a primeira vez que a via.

*A nossa nova casa.*

Nova casa, novos amigos... Diria novo país, mas o país é o mesmo. Nova ilha, serve?

Não estava triste por termos vindo para cá. O meu irmão, por outro lado, estava desolado. Ele queria ficar com a namorada e eu queria ter um campo de futebol em casa. Não podemos ganhar sempre e desta vez ganhei eu. Além disso, ele tem oito anos, nem sequer devia poder namorar. Amanhã, quando estivermos a jogar à bola, já nem se vai lembrar de que tem um bocado de oceano a separá-lo da Constança-Pança.

Bem... dela e de tudo o resto.

*De Lisboa para o Funchal*, penso ao chutar a minha bola no caminho para o campo de futebol. Olho em volta para memorizar todos os pormenores deste novo sítio e a mão que tenho no bolso amarrota o pedaço de papel que embrulhava uma pastilha há momentos. O relvado está meio seco, mas o meu pai disse que se resolvia facilmente. E, se ele o diz, é porque é verdade.

— Henrique! As caixas! — ouço a minha mãe.

*Ugh.*

Sem fazer mira, porque estou ocupado a revirar os olhos, atiro a bola com força e vejo-a sair para lá dos muros, em direção à estrada. Se vier um carro, vai passar-lhe por cima e rebentá-la. Não vou ficar sem bola. Sei lá se se vendem bolas de futebol aqui na ilha da Madeira. Corro para a apanhar e salvá-la da morte certa. A bola rola pelo limite do passeio e consigo chegar-lhe assim que toca no alcatrão. Parecia estar tudo bem, até ser empurrado violentamente por uma qualquer força desconhecida.

*Mas que raio...?*

O meu corpo bate contra o chão e espero sentir a dor que geralmente chega depois deste tipo de situações — de atropelamento. Porque eu *fui atropelado*. E tenho qualquer coisa partida, de certeza. Um braço ou uma perna, sei lá. Ainda não me dói nada, mas só pode ser do choque. Viro-me lentamente no alcatrão, até a minha nuca estar apoiada no chão e o meu peito subir e descer numa forma que se revela cuidadosa e desesperada ao mesmo tempo.

Reflexos vermelhos turvam-me a visão. Será que o carro que me atropelou está a arder?

Meu, sou mesmo forte! Pus o carro a arder. O meu irmão nunca vai acreditar quando lhe contar. E, se eu sobreviver, a minha mãe vai matar-me.

Só me faltava esta.

Acabei de chegar! *Porque é que não me limitei a levar as caixas para cima?*

Os meus olhos lutam para perceber que raio de coisa é esta que está a arder por cima de mim, mas, encandeado pelo Sol, torna-se difícil. Os meus ouvidos captam um zumbido abafado e procuro o carro que deu origem a tudo isto. Mas, para sorte de alguém e meu azar, não há carro algum nas redondezas. Em vez disso, é uma bicicleta cor-de-rosa, com fitinhas nos manípulos, que está caída a poucos metros de mim. E o festival de fogo de artifício que dançava acima de mim era, afinal, o cabelo de uma miúda.

E tem a cara de quem vai tornar os meus dias insuportáveis, se tiver de conviver com ela durante a minha nova vida aqui na ilha. É que eu olhei para ela e podia jurar que tinha «TUA» escrito na testa. Acho que me aconteceu qualquer coisa esquisita e já não consigo lembrar-me do que estava a fazer. Quero dizer... continuava deitado no alcatrão, mas tudo o resto parecia ter entrado numa dimensão paralela — tipo *Crónicas de Nárnia* —, que me dificultava a visão e todos os outros sentidos para a loucura de caracóis vermelhos que balançava por cima de mim.

— Ei! — grita ela numa voz demasiado esganiçada até para uma miúda.  
— Mas tu és maluco?

*Que rapariga estranha.*

E que aperto no peito é este? A minha tia Júlia teve um enfarte no verão passado e disse que começou com um aperto no peito. Estarei a ter um enfarte?

Mudar de casa, ser atropelado e ter um enfarte. Tudo no mesmo dia. As pessoas normais ganhavam a lotaria, eu ganhava o bingo *do que não poderia piorar, mas piorava ainda assim*. A minha atenção volta a concentrar-se no cabelo da rapariga e esqueço-me momentaneamente do potencial enfarte. Porque, quando os fios lhe esvoaçam para a frente dos olhos, parece que todo o seu rosto pegou fogo. Ergo o tronco para me sentar, aproximando-me dela. E faço-o apenas porque a minha bola está encostada à roda da frente da sua bicicleta e não porque me sinto a ser puxado como um mosquito para uma lâmpada acesa.

As suas feições vão ganhando definição lentamente.

*Tem a cara suja? Está toda salpicada.*

— Vais ficar aí a olhar feita parva? — pergunto-lhe, porque ela parece tão interessada na minha cara como eu estou na dela.

— Eu não estava a olhar para ti.

— E eu não estava a falar contigo.

Revira os olhos quando me levanto e sacudo as mãos no tecido de ganga dos meus calções.

— Vais tentar matar-me outra vez?

— Vais dar-me mais motivos para isso?

— Que motivos é que eu te dei, sua louca? Como é que eu ter sido atropelado pela tua bicicleta ridícula pode ter sido por culpa minha?

— Tu estavas a correr no meio da estrada como um doido!

Sai-me um suspiro resignado. *Okay, tem lógica.*

— Tens a cara suja — informo, mantendo as mãos coladas ao corpo, ignorando o instinto de lhe esfregar o meu polegar pela base do nariz e retirar-lhe aqueles salpicos esquisitos.

— Que idade tens? Três? Eu não tenho a cara suja. Tenho sardas.

*Que rapariga esquisita. Com sardas...*

— Jogas, miúda esquisita? — pergunto-lhe, dando um passo na direção onde a minha bola se mantinha.

— O meu nome é Olívia. E não sei jogar à bola.

*Já era de esperar. Futebol não é para meninas.*

— O que é que sabes fazer além de atropelar pessoas, Olívia?

— *Ballet*. E andar de bicicleta.

*Ninguém diria.*

— A minha bicicleta só chega amanhã. — Baixo-me para pegar na minha bola.

*Não na minha miúda.*

Tento ignorar a pontada de desilusão por não encontrar nenhum plano em que a consiga incluir.

— Pois...

— *Ballet* é aquela dança dos tutus, não é? — Tento esticar o tempo que tenho com ela.

— Nunca usei um. Talvez quando dançar o *Lago dos Cisnes*.

Seja lá o que isso for.

— Bom, tu és uma rapariga, não debes andar assim tão rápido. Vou a pé ao teu lado — sugiro, equilibrando a bola nas costas da mão.

O porquê de eu querer andar ao lado dela e da sua bicicleta horrível será um mistério para desvendar mais tarde. Mas será isto que o meu irmão sente pela Constança-Pança? Bem, ele é sete minutos mais velho do que eu, deve desenvolver-se sete minutos antes de mim. Vou perguntar-lhe mais tarde.

— Quem te disse? Eu consigo andar muito rápido!

O desafio na sua voz faz-me rir. Coloco a bola debaixo do braço e preparo-me para a perseguir, passando a mão pelo meu cabelo para o tirar dos olhos.

— *Okay*. Vamos ver, então. — Indico-lhe o caminho, esticando a mão para a frente.

O rosto dela parece dizer-me que está pronta para me mostrar que estou muito enganado, quando os seus olhos se concentram atrás de mim. A sua expressão passa de desafiadora a confusa e eu percebo que se pergunta a si mesma porque é que, atrás de mim, está a aparecer um outro eu.

— A mãe está a mandar-nos levar as nossas coisas para cima.

O meu irmão, à primeira vista, é igual a mim. Embora, neste momento, esteja a olhar para nós como se o sol lhe estivesse a bater de frente e eu não consigo perceber se precisa de óculos ou se é ele que está a ter um enfarte. Ainda assim, as mechas de cabelo castanho também o chateiam cada vez que lhe caem sobre os olhos, exatamente como a mim. Os olhos escuros também brilham quando repara na Olívia, tal como os meus. A pele dos braços também já está muito mais escura em relação ao tronco, como a minha. Então, quando espreito por cima do ombro e vejo as bochechas do Marco, que são iguais às minhas, mas que agora têm uma tonalidade diferente, não posso dizer que fico surpreendido. Podíamos ser quase iguais por fora, mas por dentro a história era bem diferente.

O meu irmão é o tímido. Eu, não. E, neste momento, ele estava envergonhado. Disso, eu tinha a certeza.

O que me leva a perguntar outra coisa.

*Então, e a Constança-Pança?*

— Vocês são iguais — diz a rapariga baixinho, o que me faz revirar os olhos.

Cá vamos nós outra vez.

O comportamento das pessoas que nos conhecem mantém geralmente o mesmo padrão: confusão, seguida de entendimento, seguida de despejo de exemplos de quantos gémeos conhecem. Informação que, deixem-me que vos diga, não nos importa minimamente.

— Uau, o teu cérebro funciona. Normalmente, é o que acontece com os gémeos.

Semicerra os olhos e concentra-se no Marco, que continua a olhar para ela como se lhe tivesse roubado a *PlayStation*.

Ou outra coisa mais importante...

— Há gémeas na minha escola. Nunca falei com elas, mas já as vi por lá. Tem graça olhar para duas pessoas tão parecidas assim de perto — divaga. — Eu sou a Olívia.

— O teu cabelo é cor de laranja. — A voz do meu irmão é quase impercetível.

— Sim, eu sou...

— Ruiva — interrompo.

— Isso. — As suas bochechas salpicadas ganham um novo tom de rosa e eu acho isso engraçado.

*Quero ver outra vez.*

— Henrique, Marco! As caixas! — A minha mãe grita com uma voz que me faz perceber que estou à beira do precipício onde a sua paciência termina.

— Temos de ir... — diz o Marco, que coça um dos olhos com as costas da mão, sem nunca desviar a atenção da *minha Ol...* da Olívia.

— O que é que se passa com os teus olhos? — A pergunta já não esconde a minha irritação.

Interrompe a minha conversa com a Olívia para chegar aqui e agir como se fosse um parolo?

— Não se passa nada. Podemos ir agora?

— Eu já vou — respondo. Claro que ele não se mexe. *Porque é que ele não se está já a mexer?* — Não tens de ligar à Pança? — pergunto-lhe entre dentes.

— Ainda não temos telefone e eu não gosto que lhe chames isso.

*E eu não gosto que tu olhes assim para a minha Olívia.*

— É a vossa mãe? — A Olívia inclina o queixo na direção da carrinha das mudanças, que chegou poucos minutos depois de nós.

A minha mãe retira as duas caixas que nos mandou levar para o andar de cima e dirige-se agora na nossa direção.

— É — responde-lhe o Marco, mais seguro. — Acabámos de chegar.

— Vamos ser vizinhos, então. Eu moro no fim desta rua. — Roda o pescoço, como se avaliasse aquilo que acrescenta a seguir. — Acho que conseguem ver a minha casa daqui.

O som de folhas a serem pisadas denuncia a aproximação da minha mãe.

*Por favor, mãe. Não digas nada parvo.*

— Eu não vos volto a avisar, seus diabos! Porque acabei de encontrar a vassoura e não tenho problema algum de vos dar com... Oh! Olá, querida!

Como é que esta mulher passa de uma expressão assassina para o sorriso do Avô Cantigas no espaço de meio segundo é um fenómeno para o qual nunca vou conseguir encontrar explicação.

— É a Olívia, mãe — informa-a o meu irmão.

— Olá, Olívia! Que nome bonito. Já lanchaste?

— Eu atropeliei o seu filho.

*Oh, por amor de Deus...*

— Qual deles, querida?

O dedo demasiado branco da Olívia ergue-se na minha direção e eu reviro os olhos, exasperado.

— Atropelaste o Henrique? Bem, muito obrigada. Tens disponibilidade para repetir o mesmo aqui com o Marco? Eu ia dar-lhes com a vassoura, mas assim poupas-me ao gasto de energia.

A Olívia avalia a minha mãe com interesse. Os seus olhos demasiado azuis semicerram-se subtilmente.

*É, Olívia, concordo que a Julieta parece louca de vez em quando.*

Mas, quando penso que a miúda estranha se vai pôr a andar, assustada com o que a minha mãe acabou de dizer, ela limita-se a sorrir e a dizer-lhe que a sua agenda está disponível a partir da semana que vem. A minha mãe ri-se, genuinamente divertida, e encaminha-a para a cozinha da nossa nova casa. Cozinha essa que eu ainda nem sequer vi, mas que, pelos vistos, só poderei conhecer depois de o duende vermelho, que me atropelou nem há cinco minutos, dar o seu parecer.

Lado a lado, eu e o Marco permanecemos no mesmo sítio, vendo as duas afastarem-se. O meu sobrolho franzido contrasta com a expressão de fascínio dele. Nem precisava de lhe perguntar o que estava a sentir, porque olhar para ele era o mesmo que me observar ao espelho.

Aquela conversa da telepatia entre os gémeos? Na verdade, não sei se será algo telepático ou se é porque o conheço tão bem, que adivinhar o que pensa,

deseja ou vai fazer é algo inato. Por isso, quando ele olha para mim, provavelmente para avaliar o mesmo que eu avaliava nele, suavizo a minha expressão, tentando esconder-lhe o que sei que já sabe.

Dividir a vida com o meu irmão foi sempre fácil. Talvez porque não tinha conhecido outra realidade sem ser aquela que partilho com ele.

Dividir os pais? Não tinha outra hipótese.

Dividir o quarto? Sem problema.

Dividir a *PlayStation*? Temos dois comandos.

Dividir os amigos? Claro que sim.

O meu irmão estava no mundo há mais sete minutos do que eu. Era essa a distância que nos separava. Ele foi o primeiro em praticamente tudo até agora: a nascer, a andar, a falar. O primeiro a ter namorada, também. E eu entendo que tenha de haver um certo respeito por quem chega primeiro. Na verdade, estive-me nas tintas para isso até agora. Mas, pela primeira vez, a ideia de continuar a dividir tudo deixava de ser assim tão apelativa.

E eu tinha visto a Olívia primeiro.

*Isso tinha de contar para alguma coisa, certo?*